

EFEITOS DA PRÁTICA DA CRIAÇÃO DE PERSONAGEM E O ADOECIMENTO DO ATOR

Alynnne Ferreira Cabral¹

Gleiton Nunes de Azevedo²

Isadora Samarid³

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar os efeitos das práticas cênicas do ator e atriz, e o impacto gerado para além da atuação em sua saúde emocional e física. Para isso, é apresentada parte de relatos coletados em pesquisa do PIBIC, realizada com atores goianos, e pesquisa documental, com trechos de reportagens, em que atores contam suas experiências com os processos de criação de personagens. Os achados sugerem que a constante exposição e a cobrança excessiva para uma boa atuação contribuem para que os atores se sintam humilhados e incapazes de irem contra o que é imposto pela direção e/ou produção, na esperança de que os desrespeitos servirão para a construção de um bom trabalho. São necessárias mais pesquisas e contribuições dentro desta temática, para uma possível alternativa prática de promoção de bem-estar para o ator.

Palavras-chave: Psicologia. Ator. Adoecimento. Trabalho e subjetividade.

ABSTRACT: This work aims to present the effects of the scenic practices of the actor and actress and the impact generated beyond acting on their emotional and physical health. For this, part of reports collected in PIBIC research carried out with actors from Goiás and documentary research are presented, with excerpts from reports where actors report their experiences with the processes of character creation. The findings suggest that constant exposure and excessive demand for a good performance contribute to the actors feeling humiliated and incapable of going against what is imposed by the direction and/or production, in the hope that the disrespect will serve to building a good job. More research and contributions are needed within this theme, for a possible practical alternative to promote well-being for the actor.

Keywords: Psychology. Actor. Illness. Work and subjectivity.

¹ Discente concluinte do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), no semestre letivo 2022/2.

² Psicólogo (PUC-GO); Mestre e Doutor em Ciências do Comportamento pela UnB; Atua como professor e pesquisador na UNIFAN. Experiência em aprendizagem por controle de estímulos; macrocontingências, comportamento de escolha, comportamento do consumidor, economia comportamental, música e práticas culturais. Orientador desta pesquisa.

³ Psicólogo (PUC-GO); Mestre em Psicologia; Atua como professora na UNIFAN.

1. INTRODUÇÃO

Personagem é um substantivo de dois gêneros, que pode ser uma pessoa, que é objeto de atenção por suas qualidades, posição social ou por circunstâncias; ou, um papel representado por ator ou atriz a partir de figura humana fictícia criada por um autor (FERREIRA, 2004), assim o ator e a atriz proporcionam a experiência de uma personagem, emprestando sua voz e traços para performar em uma cena (PAVIS, 1999).

Para Carl Gustav Jung (2000), pai da psicologia analítica, o conceito de personagem se mistura com a definição de *persona* e as diversas máscaras que são usadas em diferentes contextos sociais, fazendo com que cada ser humano ocupe diversos personagens, a depender da situação que se encontra. Essas *personas* são uma junção de aspectos de sua subjetividade com uma idealização de expectativas da sociedade e dos comportamentos que a mesma espera, a depender das circunstâncias.

Lundin (1977 *apud* GOUVEA, 2016, p. 1) afirma que o estudo da construção do conceito de personalidade foi realizado de forma mais sistemática a partir do século XIX, graças a observações clínicas de médicos, que tentavam curar o “desvio” da personalidade com psicoterapia. Desde então, Gouvea (2016) salienta que vários modelos teóricos foram desenvolvidos tentando explicar o comportamento humano, com uso do termo “personalidade”. Conseqüentemente, muitas sistematizações e categorizações com definições extensas têm sido propostas.

As pessoas comumente dizem que alguém tem personalidade quando estão se referindo a uma “pessoa expositiva, falante e forte”, mas são observações relacionadas ao senso comum. Segundo Skinner (1953), a personalidade, ou o eu, como ele relaciona e não distingue as duas palavras, são “simplesmente um artifício para representar um sistema de respostas funcionalmente unificado (SKINNER, 1953, p. 312)”, ou seja, certos padrões de resposta podem ser organizados em torno de um determinado estímulo discriminativo para receber o mesmo reforço. Skinner (1974) utilizou os termos

“eu” e “personalidade” de forma intercambiável, deixando claro quando ele propôs que “um eu ou uma personalidade é, na melhor das hipóteses, um repertório de comportamento partilhado por um conjunto organizado de contingências”. Lundin (1977 *apud* GOUVEA, 2016, p. 1) sugere que a personalidade será a “organização do equipamento singular de comportamento que um indivíduo adquiriu através de condições especiais de seu desenvolvimento”.

Dentro das artes cênicas, Boal (1931-2009), ator, diretor e criador do teatro do oprimido, conceitua a personagem como um processo de desmecanização do ator, que deveria ser capaz de fazer com que as características do personagem fossem florescidas, anulando as suas próprias, além de assumir um papel social e político importante.

O teórico (2009, p. 61) acrescenta que

o ator, como todo ser humano, tem suas sensações, suas ações e reações mecanizadas, e por isso é necessário começar pela sua desmecanização, pelo seu amaciamento, para torná-lo capaz de assumir as mecanizações da personagem que vai interpretar.

Carvalho (2019) pontua que Constantin Stanislavski (1863-1938), ator, diretor, escritor e ensaísta russo, em seu livro “A Preparação do ator”, publicado em sua primeira edição em 1936, cria um método de formação para o ator, capaz de tornar natural e orgânico o personagem, passando da lógica mercantil, comercial, e puramente estética, para um aprofundamento das vivências e experiências do ator com o seu personagem, através da repetição e de determinados exercícios, os quais, praticados constantemente e durante anos, faria com que o personagem seria apresentado como habitual, espontâneo e natural.

A máxima criada por adeptos das técnicas do Stanislavski para o aperfeiçoamento do ator de que “a repetição leva a perfeição”, além de práticas não saudáveis dentro das salas de ensaio, podem levar, como constantemente anunciados pela mídia, a um processo de adoecimento dos atores e atrizes.

O teatro, essencialmente prática grupal e espaço de criação da noção do coletivo, passando da percepção da individualidade para a realidade de grupo, também se caracteriza por ser ambiente de formação de vínculos entre os agentes que ali praticam suas atividades, que, por muitas vezes, são extrapoladas

para além das salas de ensaio. Devido ao seu caráter enigmático, intimidades são expostas, intensificando as relações interpessoais dos atores e diretores, não necessariamente de forma positiva. Essa exposição entre os participantes do grupo teatral, por muitas vezes, gera sentimentos de humilhação e fadiga, o que leva a adoecimentos físicos e emocionais dos atores e diretores.

Na percepção de Sá (2020), a definição de assédio, pelo dicionário Aurélio é a de insistir com pedidos e/ou propostas; importunar alguém para que ela faça alguma coisa; tentar possuir algo pela insistência. Para que o assédio seja configurado, é necessário que haja uma frequência dos atos de importunação. Com base nessas considerações, o assédio moral no ambiente de trabalho pode ser definido como qualquer comportamento considerado abusivo, seja por gestos, conduta ou atitude, que ameace se repetir, contra a dignidade ou integridade mental e física de uma pessoa, ferindo seu trabalho e desgastando o ambiente de trabalho.

O artigo 216 do Código Penal descreve o assédio sexual como “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função” (BRASIL, 1940, p. 1).

O assédio moral e o assédio sexual podem, paulatinamente, solapar a moral e o emocional do trabalhador e, desta forma, o adoecer, gerando também diversas preocupações e desgaste no ambiente de trabalho.

Sá (2020) explica que o assédio moral e sexual viola os princípios da dignidade da pessoa humana e o valor social do trabalho (incisos III e IV do artigo 1º da CF/1988), o objetivo fundamental de promover o bem-estar de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor da pele, idade e outras formas de discriminação (inciso IV do art. 3º) e o direito à inviolabilidade da intimidade, vida privada, honra e imagem das pessoas (inciso X do artigo 5º da CF/1988).

Na grande maioria das vezes, os episódios de assédio no trabalho, quando são denunciados, acabam ficando somente nas esferas criminais, porém quando se trata de assédio moral e sexual, diretamente relacionados a artistas e pessoas

públicas de grande abrangência, esses passam a ser relatados de forma midiática.

Constantemente, os meios de comunicação noticiam que atores, após um exercício de formação de personagem intenso, em que acessaram memórias, emoções e vivências pessoais, sentiram mal-estar e inúmeros gatilhos internos foram despertados, levando-os a repudiar a forma de condução do processo de criação do personagem. A revista Quem expôs ao público, em 2021, a indignação dos profissionais atores em relação ao modo de condução de uma preparadora de elenco. A matéria traz relato dos atores sobre os métodos abusivos da direção da preparadora de elenco e que a mesma já chegou a provocar hemorragia com suas formas bárbaras de treinamento, sendo seu método comparado ao fascismo e à tortura. Os atores declaram ainda que “até hoje pensam no que aconteceu naquela sala de ensaio” (REDAÇÃO QUEM, 2021, p. 1).

Estorari (2019) descreve que, em entrevista ao canal de televisão Canadense *Et Canada*, o ator norte-americano Joaquin Phoenix revelou que “quase enlouqueceu”, durante o seu processo de construção do personagem “Coringa”, para o longa-metragem que leva o mesmo nome, dirigido por Todd Phillips, em 2019. O ator contou ainda que o processo rápido de perda de peso para viver o personagem (foram perdidos 23,5 quilos em 4 meses) foi o desencadeador de adoecimentos, levando-o a sentir sua mente afetada.

Em 2017, a figurinista Su Tonani, de 28 anos, alegou que o famoso ator brasileiro, José Mayer, da Rede Globo de Televisão, estava a assediando sexualmente há pelo menos 8 meses, enquanto trabalhava para a produção da novela em que o ator era o protagonista (ANDRADE, 2022). De “cantadas” como: “como você está bonita hoje”, “e sua cintura é fininha”, a toques e tapas em sua genitália, o ator se utilizava de brincadeiras para “disfarçar” o assédio que vinha cometendo contra a profissional. O caso tomou grande repercussão nacional e foi responsável por criar o lema: “Mexeu com uma, mexeu com todas”. Alguns anos após, em 2020, a Rede Globo de televisão se viu novamente em escândalos sobre assédios, desta vez de forma moral, cometido pelo diretor de humor da emissora Marcius Melhem em desfavor de atrizes comediantes, por ele gerenciadas, na referida emissora de TV. (ANDRADE, 2022).

Savioli (2022, p. 1) menciona que o ator americano Scott Patterson, intérprete do personagem Luke, na série *Gilmore Girls*, ressaltou que, durante algumas cenas para a série, se sentiu humilhado e objetificado, ao ter obrigatoriamente que expor partes do seu corpo em cena. “É irritante porque você está sendo tratado como um objeto. É perturbador, é nojento e eu tive que suportar isso durante muitas cenas. Você se sente como uma espécie de espeto de carne”.

Sepúlveda (2022) testimonia que Alberto Venceslau, ator e bailarino integrante do elenco do musical “O Chicago”, uma remontagem brasileira de um grande clássico da *Broadway*, acusou as produtoras do espetáculo de racismo e assédio moral. De acordo com Venceslau, as produtoras criticavam os atores nordestinos e negros e diziam que não gostavam de trabalhar com nordestinos por serem todos preguiçosos. O ator adita que também era prática das produtoras rechaçar as atrizes que, segundo elas, estavam “acima do peso”.

Abreu (2022, p. 1) assevera que, recentemente, a CNN Brasil trouxe em seus canais de informação a seguinte manchete: Diretor de “Os Vingadores” nega acusações de assédio e critica atores em perfil. Joss Whedon, diretor de grandes produções internacionais, foi acusado, por atores da Liga da Justiça (2017) de cometer assédio moral contra os atores durante as filmagens do longa. “O seu comportamento durante as filmagens era nojento, abusivo, não profissional, e completamente inaceitável”, descreve Ray Fisher, atriz intérprete da Mulher Maravilha no filme. Outra atriz, também dirigida por Joss, Charisma Carpenter, intérprete da personagem Cordélia, no longa *Buffy* (2001), escreveu nas suas redes sociais: “Por quase vinte anos fiquei calada, e mesmo relevei fatos que me traumatizaram até hoje. Mas Joss Whedon abusava de seu poder”, comentou. Enfatizou ainda que o produtor tentou impedi-la de ficar grávida durante as filmagens, além de sempre chamá-la de “gorda” ou “incompetente”.

Segundo o diretor Joss Whedon, os atores utilizaram de acusações infundadas somente para lhe fazer parecer um monstro abusivo. Desde os relatos dos atores, o diretor segue afastado dos projetos que estava envolvido.

Do ponto de vista de Sá (2020), os casos de assédio moral e sexual, muitas vezes, envolvem atores, diretores e outros com alto grau de controle e

poder de decisão, lidando com homens e mulheres em papéis geralmente considerados inferiores, secundários à produção, como estagiários, maquiadores, figurinistas, jovens atores/atrizes, coadjuvantes, assistentes e outros subordinados.

A autora (2020) complementa que, além da verticalidade entre assediador e assediado, em geral, o comportamento é internalizado, ou seja, o assédio é percebido pelas pessoas como normal e algo indissociável do próprio meio artístico. Provavelmente devido à cultura do assédio na vida de celebridades e artistas, é que mais casos como estes relatados não chegam à tona com mais celeridade. Ao se considerar o grande poder econômico, comercial e gerencial que muitos assediadores possuem no ambiente em que atuam, bem como o fato de que muitos assédios acontecem a portas fechadas, não sendo presenciado na grande maioria das vezes por ninguém, acaba também dificultando a exposição do ocorrido. Justamente por isso que as exposições de assediadores no mundo artístico são feitas através do “efeito ovelha”, ou seja, uma pessoa expõe o assédio que sofreu e, posteriormente, várias outras pessoas começam a expor os assédios que também, infelizmente, tiveram.

O presente artigo se torna relevante devido ao fato de que o adoecimento do ator, através de práticas configuradas dentro do ambiente de trabalho, seja por assédio moral, sexual, humilhações durante a preparação do personagem e demais momentos, sejam objeto de estudo das áreas do campo da saúde, para que assim, cada vez mais, esses profissionais tenham apoio e melhores condições.

2. METODO

2.1 Descrição do participante

A entrevista realizada com um ator goiano, do sexo masculino de 66 anos, com 35 anos de carreira, sendo 20 anos de registro profissional (DRT) e na bagagem mais de 200 processos de criação de personagens conduzidos por ele como diretor e cerca de 15 processos de criação de personagem enquanto ator.

O entrevistado além de ator, é diretor, produtor e ensaísta e não possui formação acadêmica nas artes cênicas. É graduado em História, porém, desde sua graduação, não exerce a profissão e se dedica exclusivamente à função de ator/diretor, ou artista, como prefere se identificar. O entrevistado é solteiro, pai e, atualmente, mora sozinho em um apartamento em Goiânia.

2.2 Procedimento

Esta pesquisa faz parte do Projeto de Pesquisa “Evidências de Eficiência dos Serviços Prestados pela Clínica Escola de Psicologia da UNIFAN: Um Projeto Integrado”. Foi utilizado como critério para a seleção do entrevistado a idade a partir de 18 anos e que possua notoriamente trabalhos e relevância na cena artística goiana e nacional.

A entrevista ocorreu em 25 de agosto de 2022 e durou cerca de 1 hora e 30 minutos, de forma presencial, na residência do entrevistado.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada, que permite a liberdade de fala do entrevistado e foco do entrevistador para o direcionamento do conteúdo a ser coletado (GIL, 2010). Como materiais foram utilizados papel, caneta e um gravador de voz, o que tornaria mais célere o processo pós-finalização. Em sequência, o participante respondeu a um questionário sobre qualidade de vida e teve o *feedback* referente ao tema, WHOQOL-bref.

As análises foram feitas selecionando da entrevista, trechos que se relacionam com a prática do autor e os efeitos no cotidiano fora do espaço de atuação, descritos no Quadro 1.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O entrevistado é diretor de teatro e foi professor de Instituição de Educação Superior por mais de 20 anos, dando aulas de teatro e formação de ator. Esteve ligado à IES e, por meio dela, realizou diversos projetos, ganhando renome nacional. Está em cartaz com peças infantis e também voltadas para o público adulto, e fundou, recentemente, em Goiânia, sua cidade natal, um espaço de artes.

Ao ser perguntado sobre qual é o principal requisito para que o processo de criação de personagem aconteça, sem hesitar é exposta a importância de que o ator esteja totalmente disponível, o que inclui uma desconstrução daquilo que se é, tendo como objetivo chegar em um ponto nulo, ou zero, para que, a partir dali, possa ser criada uma nova “pessoa”.

O entrevistado se refere ao ator como “ladrão” e traz a metáfora de que o ator “rouba” das pessoas algo interessante de sua personalidade que possa fazer parte da construção da *persona* do personagem. É citado como essa ação de roubar é desgastante e é neste processo que alguma característica do personagem pode começar a se misturar com o do ator, pois “nem sempre é fácil separar o que é legal ficar pro personagem do que aquilo que você gostaria de ter na sua vida, enquanto ser humano”, disse. Também é ponderada a relevância de se desligar do personagem, o que também não é uma tarefa fácil, pois, da mesma forma como um sotaque fica na pessoa após um período em outra região do país, os trejeitos do personagem podem “ficar” no ator e ele passa a levar tais características para fora da sala de ensaio e dos palcos.

O entrevistado aponta que alguns dos atores que preparou já se perceberam falando em situações de intimidade com as vozes de seus personagens, com bordões utilizados durante a peça e, até mesmo, reagindo frente a um estímulo da forma como personagem reagiria, só percebendo depois que não seria daquela forma que ele teria agido, se não estivesse tão fortemente ligado ao personagem.

É discorrido sobre como participar da criação do personagem é desgastante para o ator, que no final se sente como se tivesse usado toda a energia que tinha para compor uma nova *persona*. Dispõe que o processo de criação de personagem não tem um tempo pré-estipulado e pode durar anos, porém é um consenso que deve-se acompanhar o processo de montagem do espetáculo.

Quadro 1 - Relatos do entrevistado

Situação ensaiada	Comportamentos após	Consequências para o cotidiano
-------------------	---------------------	--------------------------------

Sou um diretor muito compulsivo, muito orgânico e quando começo uma condução de uma cena onde quero um resultado e o ator erra, mas não erra porque quer, e sim porque ele não consegue entender o que eu desejo, é desesperador.	Perco a paciência e saio do limite, grito e se o ator não tiver paciência ele acaba estourando também. E daí ele acaba chorando.	Pra mim é muito pior, não demora nem 2 minutos e já me sinto muito pior do que o ator que chorou. E adoço.
Ter paciência não era uma opção para mim, por isso a perdia com muita facilidade.	Não conseguia perceber que estava gritando, que estava humilhando.	Hoje com o tempo percebi que essas atitudes só me trouxeram prejuízos na vida.
Tudo que eu fazia era através de um impulso, que eu não conseguia controlar. É um impulso externo que toma conta de você e que acaba não tendo domínio.	Já expus várias vezes atores, enquanto estava na direção.	Eu me sentia péssimo após esses impulsos, mas o detalhe é que sempre acontecia de novo.
Fui muito humilhado enquanto ator, constrangido e exposto para conseguir chegar em uma personagem.	Me senti incapaz, me senti sem potencial, sem conseguir dar respostas e falho. Me colocava em um lugar de quem não erraria nunca e ficava com vergonha do elenco.	Eu continuava pelo mesmo fato que me fez um dia sair, eu acreditava na direção e no propósito, e no que poderia acontecer após o trabalho árduo.
Nos períodos em que eu estava com mais problemas na vida, vinculados à saúde, foi o período que menos consegui me controlar.	Cometi muitos erros, sem querer cometer.	Hoje é totalmente diferente, me arrependo profundamente.
Não acredito que seja uma opção, só ganhei prejuízos, mas não é estratégico, acontece.	Em uma explosão dessa, com maior gravidade, eu poderia deixar de existir	Eu ficava resistente, não raciocinava, ia no emocional.

Fonte: Formulado pelos autores baseados nos dados da pesquisa.

O entrevistado explana que já se sentiu exposto durante o processo de criação do personagem. Cita que é constrangedor você se sentir humilhado, enquanto ator, pelo diretor de elenco, gerando um sentimento de incapacidade, ainda mais que em nenhuma vez a exposição foi realizada de forma individual e sim sempre na frente dos colegas de elenco. O que é curioso é que do lado de lá, quando está na direção, essa sensação também é observada.

O participante informa sobre idas constantes ao hospital após processos intensos enquanto dirigia atores na criação de seus personagens. Acredita que

todos os seus problemas de saúde, incluindo cardíacos graves e diabetes severa, têm ligação com o constante estresse e falta de controle dos sentimentos e estratégias para lidar com os impulsos que eram frequentes durante o trabalho de diretor de elenco.

Fala que já “fez alguns atores chorarem” e que sabe que passou do ponto várias vezes, não sendo profissional e nem ético, ao expor o ator da mesma forma que também já havia sido exposto por algum diretor e/ou preparador de elenco.

Quando perguntado sobre o que faz os atores permanecerem no espetáculo, crê que é pelo mesmo motivo que também continuou quando era exposto, de acreditar no processo e na direção e de que, no final, haveria um resultado único e surpreendente.

Relata perceber a importância de um profissional da saúde mental que acompanhe os atores e demais profissionais em todo o processo do espetáculo, o que, durante toda a sua prática profissional, aconteceu somente uma vez, em uma ocasião, quando convidou uma profissional psiquiatra para conduzir algumas sessões, através da abordagem psicanalítica, porém não com a atriz, e sim com a personagem que ela estava criando.

Esclarece que, durante as sessões, a psiquiatra e psicanalista chamava a atriz pelo nome de sua personagem e todas as perguntas eram direcionadas as vivências e emoções da personagem, levando a atriz a criar memórias, situações e afetividades da sua personagem e analisá-las no divã. Os resultados, após as sessões, não foram os esperados pelos envolvidos. Segundo o entrevistado, não foram observadas mudanças na introspecção da atriz durante as apresentações, o que, para ele, provavelmente, se deve ao número restrito de cinco sessões.

O participante sugere que uma equipe ideal para uma condução de processo de criação de personagem deveria ser composta por ator, diretor geral, diretor de elenco, preparador vocal e por um profissional psicólogo.

Ao traçar um paralelo com as falas do entrevistado, pode-se observar que, em seus relatos, o processo de adoecimento e estresse são constantemente frisados, tendo a afirmativa da percepção de que todos os problemas de saúde por ele enfrentados tem ligação direta com a sua exposição ao trabalho artístico.

Como descrito por Hirschle e Gondim (2020), o estresse no trabalho é consequência de uma sensação de incapacidade para o enfrentamento das situações estressoras que o trabalhador está percebendo existir por meio das demandas apresentadas no ambiente laboral. O entrevistado expressa que, mesmo as doenças físicas, como a diabetes e hipertensão, foram fortemente agravadas devido aos intensos processos de criação de personagens e direções que participou e salienta que muito se deve à falta de preparo psicológico, amadurecimento, por “querer fazer perfeito demais” e exigir dos outros e de si aquilo que ninguém era capaz de oferecer, não conseguindo assim criar estratégias de enfrentamento para lidar com as demandas percebidas como estressoras.

O diretor constatou a gravidade das suas explosões e dificuldade de lidar com seus impulsos de forma tardia, após acarretar diversos prejuízos em sua saúde mental e física e que acredita que poderia ter morrido se não tivesse aprendido, através do tempo e do amadurecimento, a se controlar. Hoje, nota ser bem mais calmo e assertivo em suas conduções, e sabe que não tem mais o vigor e disposição de antes, o que o faz pensar e se perceber antes de tomar atitudes precipitadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de criação de personagem, o ator profissional é colocado em situações diversas, que podem atravessar emoções e sentimentos, e afetar o seu estado de humor. Tais momentos, conduzidos ou não por um profissional, podem ser constrangedores e causar impactos em sua saúde mental e física, como revelam os dados ainda iniciais da pesquisa. Na visão de Stanislavski (2001), considerando o processo de criação de personagens como uma técnica capaz de atingir o inconsciente através do consciente, e assim gerar um personagem que provoque catarse, é possível que haja uma liberação e identificação de processos psicológicos dos indivíduos, resultando assim em atravessamentos psicológicos no ator que se propõe a participar de um processo de criação de personagem.

A constante exposição e cobrança excessiva para uma boa atuação contribuem para que os atores se sintam humilhados e incapazes de irem contra o que é imposto pela direção e/ou produção. Existe também a sensação e a fantasia, ainda muito comum no imaginário artístico, de que se deve “aguentar e sofrer” para que o personagem seja um sucesso, e como resultado, o ator atingirá a fama ou aquilo que deseja.

É importante também destacar que, em especial, a profissão do ator traz como aspecto a dificuldade da separação do trabalho com a pessoa do ator, sendo que, por muitas vezes, para o sujeito ator, fazer bem um personagem, mesmo que isso prejudique sua saúde física e mental, é a segurança de que se é uma pessoa boa, capaz, talentosa e digna de amizades e elogios. Lancman e Uchida (2003) explicitam que o trabalho, em sua concepção histórica e social, atravessa a subjetividade do trabalhador e, dentro da profissão do ator, esses atravessamentos ocorrem de modo a “confundir” o trabalhador com o seu trabalho.

São necessárias mais pesquisas dentro deste campo, junto a essa população, para que tais fenômenos sejam investigados e mais literaturas dentro desta temática sejam produzidas, traduzindo os efeitos observados pelos diversos vieses de abordagens dentro da área da psicologia, para seja possível descrever a contribuição desse tema como uma alternativa prática de promoção de bem-estar para o ator.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luís Felipe. Diretor de “Os Vingadores” nega acusações de assédio e critica atores em perfil. **CNN Brasil**, 18 jan. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/diretor-de-os-vingadores-nega-acusacoes-de-assedio-e-critica-atores-em-perfil/>. Acesso em: 09 set. 2022.

ANDRADE, Ranyelle. Dumont, Melhem e mais: 6 vezes em que globais foram acusados de crimes. **Metrópoles** [online]. São Paulo. 16/09/2022. Televisão. Disponível em <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/dumont-melhem-e-mais-6-vezes-em-que-globais-foram-acusados-de-crimes> . Acesso em: 09 set. 2022.

BRASIL. Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 3 out. 2022.

CARVALHO, S. Stanislavski e a formação do ator. **Sala Preta**, v. 19, n. 1, p. 260-275, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v19i1p260-275>. Acesso em: 14 set. 2022.

ESTORARI, Daniel. **Joaquim Phoenix diz que quase enlouqueceu interpretando o coringa**. 2019. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com.br/auyHY>>. Acesso em: 10 maio 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: O dicionário da língua portuguesa**. 6 ed. Curitiba: Editora Positivo Ltda, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HIRSCHLE, Ana Lucia Teixeira; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Estresse e bem-estar no trabalho: uma revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 25, n. 7, p. 2721-2736, jul. 2020. ISSN 1678-4561. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.27902017>. Acesso em: 28 out. 2022.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LANCMAN, Selma; UCHIDA, Seiji. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 6, p. 79-90, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172003000200006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 19 out. 2022.

PABIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. Tradução, de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. Perspectiva. São Paulo. 1999.

REDAÇÃO QUEM. **Atores se posicionam contra preparadora de elenco: Péssima**. 2021. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/11/atores-se-posicionam-contra-preparadora-de-elenco-pessima.html>. Acesso em: 20 maio 2022.

SAVIOLI, Camila. Gilmore Girls: Ator se sentiu humilhado e objetificado em cena da comédia. **Adorocinema**, 26 ago. 2022. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-165324/>. Acesso em: 19 out. 2022.

SÁ, Bruna de. As Peculiaridades do Assédio Moral e Sexual no Meio Artístico. **Jusbrasil**, 14 fev. 2021. Disponível em:

<https://desabruna.jusbrasil.com.br/artigos/1167063558/as-peculiaridades-do-assedio-moral-e-sexual-no-meio-artistico>. Acesso em: 25 out. 2022.

SEPÚLVEDA, Bruna. Ator relata racismo e assédio moral na produção do musical “Chicago”. **Canal Ciências Criminais**, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/ator-relata-racismo-e-assedio-moral-na-producao-do-musical-chicago/>. Acesso em: 27 set. 2022.

Skinner, B. F. **Ciência e comportamento humano** (J. C. Todorov, & R. Azzi, Trads.). Brasília, Brasil: Editora da Universidade de Brasília. (1953) (Original de 1953).

_____. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix–Edusp, 1982. (Original de 1974).

STANISLAVSKI, Constantin. **A Construção da Personagem**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.